

AS NOVAS RESPONSABILIDADES DA PM

João Coelho Vítola

22 JUL 1997

Nos últimos tempos, o policial militar parece carregar o mundo nas costas. Para tudo nós somos chamados e a sociedade exige que tenhamos sempre uma solução. Na maioria das vezes, os problemas sócio-econômicos e culturais estouram em nossas mãos. O papel da PM está mudando. Hoje o policial das ruas precisa estar muito mais preparado. Nossa responsabilidade, na prática, tem ido além do simples policiamento ostensivo. Chegou a hora de se definir uma nova política nacional de segurança pública, que redirecione o nosso papel, de acordo com essas novas exigências.

Hoje no DF existem, por exemplo, mais de 150 mil desempregados. Apesar disso, a cidade continua a crescer desordenadamente, absorvendo todo o êxodo rural do Nordeste, Centro-Oeste e de outras regiões. O resultado é que vivemos cercados por "bolsões de miséria", onde a criminalidade encontra terreno fértil para crescer. Em todo o país, os conflitos terminam explodindo no campo e na cidade e, como sempre, quem deve estar lá, na linha de frente, é o policial militar. Aqui na capital duas situações demonstram bem a posição da PM: a Estrutural e a Feira do Paraguai. São dois problemas sociais que terminam se transformando em casos de polícia.

No caso da Estrutural, a solução foi nomear o major Wolney Rodrigues da Silva como "administrador de Segurança Pública" do local. Mais uma vez observamos policiais militares cumprindo papéis que não correspondem inteiramente às nossas primeiras funções constitucionais. Trata-se de uma missão hercúlea.

Principalmente nas regiões mais carentes, o policial militar é hoje um "curinga", aquele que faz de tudo um pouco e pode ser empregado em qualquer situação. Nossos soldados são, na maioria das vezes, os representantes do Estado mais próximos da comunidade. Se a área de saúde não tem ambulância, terminamos fazendo esse serviço. Se não há moradia para todos, se as crianças trocam a sala de aula pelas ruas, todos esses problemas sociais um dia recaem sobre nossas costas. E o pior é que quase sempre aparecemos na imprensa como "vilões" da história. O nosso trabalho comunitário quase nunca rende manchetes — e é duro ver os outros ficando com os "louros" de nossas boas ações.

Ouve-se falar até que o policial militar nas ruas poderia ser o fiscal dos serviços públicos que influem na prevenção da criminalidade. Por exemplo: se em sua ronda diária o policial notar que a luz do poste perto do colégio está queimada, ele mesmo poderia avisar a com-

panhia de eletricidade para que fosse providenciado o conserto. É isso o que a sociedade espera de nós? Todas essas questões vão poder ser resolvidas agora, a partir de uma pesquisa que a PMDF encomendou à Universidade de Brasília (UnB) para saber qual é o perfil do policial militar que a comunidade quer.

Uma questão fundamental diz respeito às condições de trabalho, armamentos, equipamentos, rádios e veículos adequados para a ação policial, enfim, toda uma série de produtos exclusivamente desenvolvidos para a área de segurança. Hoje, grande parte de nossa frota é composta de carros com mais de seis anos de uso, e que não atendem à especificidade da ação policial, pois não possuem caixa de marchas, suspensão e motor reforçados. Apesar de todas as dificuldades, a tropa mantém um elevado senso de profissionalismo e está sempre pronta para defender a sociedade. É só uma metáfora, mas traduz bem o espírito da coisa: "Os bandidos andam de Mercedes-Benz e nós de fusquinha".

Hoje só ingressa nos quadros da PM quem tiver o segundo grau completo. Apesar de todos os problemas, a carreira policial ainda é das mais disputadas. Nos últimos concursos se inscreveram mais de 20 mil candidatos, grande parte já estu-

tes universitários.

É preciso deixar claro que o PM é, antes de tudo, um cidadão como qualquer outro, que também sofre e sente na própria pele os mesmos problemas de toda a sociedade. E com uma agravante: somos servidores públicos militares e estamos sujeitos a uma legislação específica, só que a cobrança é infinitamente maior. Não podemos errar, qualquer erro praticado por um, recai nas costas de toda a corporação.

Em Brasília, o salário inicial de um soldado é considerado bom. No universo das PMs estaduais, é um dos maiores do país. Mas é preciso lembrar que é caro morar na capital federal. O custo de vida aqui é mais alto do que em outras cidades. Tudo pesa no bolso: moradia, educação, saúde etc. No final das contas, não sobra muito. Além disso, nossos policiais não contam com muitos dos benefícios conquistados pelos trabalhadores das empresas privadas, como os melhores planos de saúde, de assistência odontológica e de assistência social. Urge que se amplie o apoio ao Policial Militar e sua família, de modo a melhor atender a população.

■ João Coelho Vítola é assessor de Comunicação Social da Polícia Militar do Distrito Federal